

FILITO

Documentação

Associação Ambiental CB (Economia)

Fonte

Data 28/5/2001 Pg 10

Class. 35

Crise expõe má gestão ambiental

Vicente Nunes
Correspondente

Nova York — “A crise de energia na qual o país está mergulhado, que pode resultar em mais desemprego e na alta da inflação, é a primeira fatura que o Brasil está pagando pela falta de governabilidade nas questões ambientais. Apesar de ter leis eficientes para o controle do meio ambiente e de deter 25% da água doce do planeta, o país está sofrendo com a falta de energia por causa da irresponsabilidade de um governo que não se importa em conter o desmatamento que está destruindo as cabeceiras dos principais rios do país e impondo um custo altíssimo à população.”

Esse discurso, feito pelo cientista Márcio Ayres, diretor do Wildlife Conservation Society (Sociedade para Preservação da Vida Selvagem), durante seminário sobre Biodiversidade promovido pela Unesco e pela Universidade de Colúmbia, na última semana, provocou estragos na já arranhada imagem do Brasil. “Não tinha como não tocar no assunto. A falta de governabilidade no país é estarrecedora. As leis existem e ninguém as cumpre porque o governo não exerce seu poder”, afirma o ambientalista, que comanda o Projeto Mamirauá, no Pará.

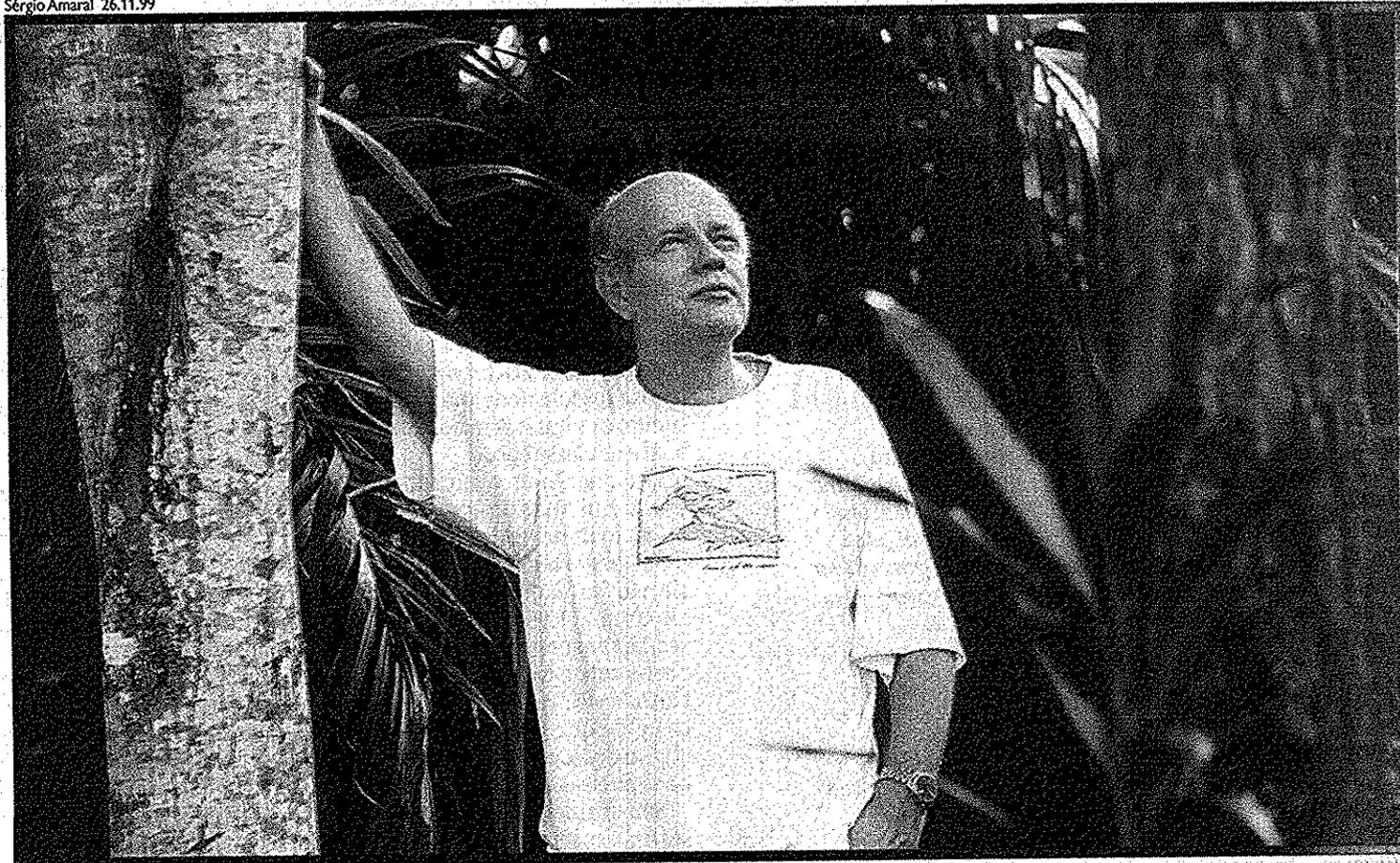
Segundo ele, “a porrada” que o país está levando por causa da falta d’água para gerar energia é o primeiro exemplo de que, se não houver um despertar para

as questões ambientais, as crises serão cada vez mais constantes e graves. “A solução dos problemas é trabalhar as cabeceiras dos rios. Ou fazemos isso, ou caminharemos para o caos energético”, alerta.

Na avaliação de Ayres, os problemas causados pela falta de governo nas questões ambientais não virão como uma doença que vai matando devagarinho. “Será como um ataque cardíaco fulminante”, compara. “No Pantanal, o Rio Taquari está com sua cabeceira destruída por causa da soja. No Rio Uruguai, o lado brasileiro está todo assoreado. Do lado argentino tem florestas, mas não é suficiente”, diz. Ele explica que as florestas, que protegem as cabeceiras dos rios, estão acabando, interferindo na questão climática. As florestas funcionam como uma esponja que vai liberando a água devagarinho. Quando elas não existem, passa-se a alternar grandes enchentes com períodos de seca, como já se vê no Brasil.

Para o diretor do Wildlife, não foi apenas o governo Fernando Henrique Cardoso que errou. “Isso é histórico, mas é uma loucura que ninguém, nos últimos seis ou sete anos, tenha se atentado para isso”, acrescenta. A seu ver, o país pode e deve buscar outras alternativas para geração de energia elétrica. “É inadmissível, porém, que o Brasil, com 25% da água doce do planeta, esteja passando por problemas de energia por falta de água”, enfatiza, des-

Sérgio Amaral 26.11.99



AYRES: “UMA DAS MELHORES SOLUÇÕES PARA O PROBLEMA ENERGÉTICO NO QUAL O BRASIL ESTÁ MERGULHADO É A PRESERVAÇÃO DOS RIOS”

taçando a necessidade de as leis ambientais serem efetivadas. “As leis são boas, mas isso não adianta se não se tem como implementá-las. No Brasil, as leis não valem nada”, reclama. “De vez em quando, estoura um escândalo aqui, outro acolá, para se dar a impressão de que se está governando no meio-ambiente. Mas são casos isolados, quando, na verdade, muitas outras coisas ruins estão acontecendo.” Ayres reconhece que a imagem do Brasil em relação às questões ambientais não é melhor nem pior do que a de outros países subdesenvolvidos, onde impera a falta

de governabilidade, a falta de consciência e a falta de visão dos governos de que, ao se solucionar os problemas ambientais, pode-se resolver uma série de problemas econômicos. “Para se ter governabilidade é preciso ter pessoas no governo que façam as leis serem cumpridas, que eduquem a população e que dêem poder a essa população para fiscalizar seu meio-ambiente. Sem isso, o país nunca conseguirá conter o processo de destruição da natureza”, diz. O ambientalista não poupa críticas aos ministros do Meio Ambiente, José Sarney Filho, e ao ministro da Refor-

ma Agrária, Raul Jungman. “Os dois ficam disputando espaço, quando deveriam unir forças para ajudar o país”, cutuca. “Essa conflito existe, por exemplo, no Amazonas”, afirma, destacando que no Ibama, apesar de todos os esforços para se fazer cumprir as leis ambientais do país, a eficiência é muito baixa, por causa do número de pessoas que estão nessa tarefa. Na Amazônia, por exemplo, há um fiscal para cada sete milhões de hectares.

Na opinião de Ayres, como há desgoverno ambiental, tudo o que acontece no país é reflexo da economia. Se o Brasil vai mal

economicamente e entra em recessão, o desmatamento diminui. Se a economia do país melhora, o que aconteceu recentemente, cresce a devastação. “Isso mostra que não existe governabilidade ambiental”, frisa. Questionado sobre a possibilidade de se conciliar crescimento com preservação do meio ambiente, o especialista foi taxativo. “Basta querer. O problema é que a destruição está acontecendo debaixo do nariz do governo. Basta ver o avanço da devastação do Cerrado, que já começa a afetar os rios que nascem no Brasil Central”, diz.